

## Palavras proferidas pelo Reitor da Universidade Técnica Prof. Eng.º Francisco de Paula Leite Pinto

Senhores Ministros:

A presença de Vossas Excelências nesta sala da biblioteca de um Instituto, que é simultâneamente de Agronomia e de Silvicultura, justifica a leitura de um belo trecho da prosa portuguesa, justamente aquele em que, com mordente ironia, um dos grandes das Letras descreve a geração da floresta.

Apesar de insculpido apenas ontem — pois o estuante e vigoroso escultor que o moldou perdura ainda nos olhos de muitos dos presentes — esta prosa exuberante como a própria floresta espontânea, já ocupa o seu lugar na estante dos clássicos.

Eis o trecho que é a soleira da porta de «A Casa Grande de Romarigães»:

«O vento, que é um pincha-no-crivo devasso e curioso, penetrou na camarata, bufou, deu um abanão. O estarim parecia «deserto. Não senhor, alguém dormia meio encurvado, cabeça «para fora no seu decúbito, que se agitou molemente. Volveu «a soprar. Buliu-lhe a veste, deu mesmo um estalido em sua «tela semi-rígida e imobilizou-se. Outro sopro. Desta vez o pinhão, como um pretinho da Guiné de tanga a esvoaçar, liberou-se da cela e pulou no espaço. Que pára-quedaista!

«Precipitado tão de alto do pinheiro solitário, balouçou-se  
«um instante e ensaiou um voo oblíquo. A meio caminho vol-  
«teou, rodopiou, viu as nuvens ao largo, a terra em baixo e,  
«saracoteando a fralda, desceu em espiral. Poisou em cima  
«duma fraga, ligeiro como um tira-olhos. Mas novo pé-de-vento  
«atirou com ele para a banda, quase de escantilhão, e a aleta,  
«tomando-se de imprevisto fôlego, arrebatou-o para mais longe.  
«Foi cair numa mancheia de terra, removida de fresco pelos  
«roçadores do mato, e ali permaneceu à espera que pancada  
«de água ou calcanhar de homem o mergulhasse no solo, dado  
«que um pombo bravo o não avistasse e engolisse.

«Também ali perto, por uma tarde fosca de Outubro, che-  
«gou um gaio, voejando de chaparro em chaparro, a grasnar  
«mal-humorado como é próprio da raça. No saiote desbotado,  
«as duas pinceladas de azul, azul retinto, fulguravam para que  
«se soubesse que um gaio também é gente dos ares. Trazia no  
«bico uma bolota, um pouco menor que o bolo que o corvo  
«costumava levar à covã de Daniel, mas para ele mais impor-  
«tante. Disponha-se a comer a merenda bem amargada, quando  
«deu com os olhos no mariola do vizinho com quem bulhara  
«uma Primavera inteira por causa da gaia, depois sua mulher.  
«Já esse tal, rancoroso e mau, dava jeitos de querer investir,  
«penas ríças, garras desembainhadas, a asa possuída de frene-  
«sim. Que remédio senão preparar-se para o receber condigna-  
«mente! E deixou cair a glande. Esta foi bater na face zenital  
«dum velho toro, saltou de ricochete para o lado, e aninhou-se  
«muito aninhada num monte de folhas secas e argalhos. Nin-  
«guém a via, nem ela via a mais pequena nesga do mundo. Os  
«dois gaios, depois de trocarem muitos gritos de cólera e darem  
«a sua bicada, mas sem que corresse sangue, despediram. O  
«mais rela e pundonoroso pulou ao chão a procurar a sua rica  
«bolota. Procurou, tornou a procurar pincharolando dum lado  
«para o outro e introduzindo por toda a parte, taladas e covi-  
«nhas, o olho finório e matuto, mas nada descobriu. Soltou  
«duas ou três vezes a sua voz ralhada a conjurar os deuses  
«daquele desaforo, perdeu a paciência. E saraivando, batendo  
«a asa, ainda meio atrida da rixa, lá foi para outro carvalhal  
«onde havia que pilhar.

«A bolota taluda ficara ali muito quieta, muito bem refas-  
«telada em virtude do próprio peso, enterrada que nem pelouro

«de batalha depois de passarem carros e carretas. Que fazer  
«senão deitar-se a dormir?! Dormiu uma hora ou uma vida  
«inteira, quem o sabe?! Um laparoto veio lá de cascos de rolha,  
«rapou a terra, fez um toural, aliviou-se, e ela ficou por baixo,  
«sufocada sem poder respirar, em plena escuridão. Estava no  
«fim do fim? Um belisco, e do seu flanco saiu como uma flecha.  
«Era de luz ou de vida? Era uma fonte ou antes um cântico  
«de ave de água corrente, de vagem a estalar com o sol, dum  
«insecto na sua primeira manhã, música trilada da terra ou das  
«esferas? Era tudo isto, encarnado no fogo incumbente que  
«lhe lavrava no flanco, verbo que acabou por irradiar do pró-  
«prio mistério do seu ser.

«Do pinhão, que um pé-de-vento arrancou ao dormitório  
«da pinha-mãe, e da bolota, que a ave deixou cair no solo, repe-  
«tido o acto mil vezes, gerou-se a floresta. Acudiram os pás-  
«saros, os insectos, os roedores de toda a ordem a povoá-la. No  
«seu solo abrigado e gordo nasceram as ervas, cuja semente  
«bóia nos céus ou espera à tez dos pousios a vez de germinar.  
«De permeio desabrocharam cardos, que são a flor da amar-  
«gura, e a abrótea, a diabelha, o esfondílio, flores humildes,  
«por isso mesmo troféus de vitória. Vieram os lobos, os javalis,  
«os zagais com os gados, a infinita criação rusticana. Faltava  
o senhor, meio fidalgo, meio patriarca, à moda do tempo».

### Minhas Senhoras e meus Senhores

A imaginação flamejante com que o grande prosador talhou esta pequena obra-prima, usando o seu vocabulário rico de regionalismos cuidadosamente brunidos, força-nos a aceitar que, milénios fora, bem podem uma semente aqui uma glande a seu lado, fazer surgir uma floresta.

Irrompeu o arbusto e foi-se entrelaçando noutros, tapando século após século, os vazios entre colunatas e fustes coroados de copas como abóbadas de catedral. Uma catedral imensa, vergastada pelas tempestades e carcomida por uma bicheza infinda.

Os emaranhados de mangues e de rizóforos em regiões alagadas dos Trópicos ou as florestas virgens fustigadas pelos lençóis de água que no Equador caem do Céu, bem puderam nascer assim quando sementes e glandes num vendaval desfeito tombam às miríades numa terra rica de humus.

È, porém, evidente que tais florestas espontâneas, nascidas e crescidas à margem do homem pensante, foram e são conjuntos desregrados de variadíssimas essências, sem grande interesse para a exploração económica de hoje.

Pois o homem, esse tal ser pensante, quando tomou consciência das grandes qualidades do material lenhoso — que lhe podia dar, entre milhares de coisas, o berço, a casa e o caixão — passou a *projectar* florestas plantadas com essências escolhidas.

Em séculos sucessivos de observação, de experiência e de estudo sistemático foi o homem aperfeiçoando os seus projectos de adaptar várias árvores aos diferentes solos, às condições climatéricas díspares e aos regimes de águas bem diversos. As sementeiras ou outras formas de plantio passaram a obedecer a esquemas gizados no tempo e no espaço. E nada — absolutamente nada — foi deixado ao acaso de pés-de-vento ou de voos de aves.

Os povoamentos vegetais ou florestamentos tornaram-se planeamentos controlados de maneira que as técnicas sucessivamente aperfeiçoadas visassem ao equilíbrio entre os interesses económicos imediatos e outros interesses colectivos diferidos no tempo.

Hoje a mata ou a floresta que os homens cravam em determinadas extensões não sofrem passivamente o embate do vento pois muitas vezes foram plantadas para travar a ventania e impedir outras devastações.

E os cuidados permanentes, que a árvore recebe do homem que à sua sombra se acolhe, foram revelando mais e mais matérias-primas de indústrias novas e novíssimas que dia a dia enriquecem a humanidade com inesperados produtos.

Basta plantar uma árvore e seguir o seu crescimento para logo se ser aliciado por um mundo deslumbrante! O que se aprende a ver crescer uma árvore! O exame dos factores do meio ambiente levam a criar um sistema de defesa da *sua* árvore ameaçada pelos excessos climatéricos e por uma estranha bicharia que vai da microflora ao homem ignorante ou malvado.

Que variedade de insectos nocivos! Mas é sem dúvida o homem — o criador de florestas — que se pode tornar o seu maior inimigo! O bicho-homem pode destruir a árvore por ignorância, por imprevidência, por malvadez ou por ambição de lucros. Pode, até, destruí-la como resultado de acto de Guerra.

Lá diz a conhecida frase que de uma árvore se pode produzir um milhão de fósforos, mas basta um só fósforo para destruir um mi-

lhão de árvores. Um fogo — que seja produzido pela ponta de um cigarro ou pelo rebentamento de uma granada — pode ter idênticos efeitos desastrosos.

Preservar a floresta, robustecê-la, renová-la, são os *fins* que visam centenas de técnicos eficientes.

No nosso País devem ser especialmente cuidados os meios técnicos que procuram a exploração racional das matas, pois a floresta constitui, sem sombra de dúvida, fonte primordial da Economia portuguesa.

Fez há poucos dias um século que o General João Crisóstomo, engenheiro distinto que sobre o tarde se viu envolvido na política do Duque de Loulé, reformou os planos de ensino dos técnicos superiores da agro-pecuária. Ao fazê-lo criou o Curso Superior de Silvicultores que aqui nos tem reunidos.

De facto mal parecia que este velho Instituto e a Universidade Técnica que com ele se honra não comemorassem essa data.

Ter cem anos de vida já conta à escala da existência humana.

Há cem anos que esta Escola de firmadas tradições vem ensinando as técnicas florestais. E se as ensina há tanto tempo tem obrigação de as vir a ensinar melhor. De facto, tenho-o dito já vezes sem conto, a Instrução como elemento importante da Educação é — e sempre o será — uma batalha sem fim!

Não admira pois que uma, qualquer, reforma de estudos mal aparecida no «Diário do Governo», logo se revele imperfeita aos olhos de muitos e até, o que parece paradoxal, aos olhos dos seus próprios autores!

É que um texto oficial sobre instrução pública é sempre um compromisso entre opiniões diversas entre si mas todas defensáveis... por serem diferentes os axiomas de onde se pode partir.

Mais: uma reforma de Instrução tem fortes condicionalismos e não apenas de ordem financeira.

Que admira pois que os técnicos superiores sejam, em face da estrutura dos seus cursos, uns insatisfeitos?

Quando D. João VI mudou o acento tónico florestal da Montaria para a Metalurgia e para a Construção Naval nem todos os técnicos lhe deram razão. Para alguns a floresta seria sempre fundamentalmente uma reserva de caça e só acessoriamente uma fábrica de combustível e de madeira esquadriada.

Cada reforma do ensino técnico recebe o embate de uma onda de críticas. Depois o tempo que tudo desgasta torna as novidades em

velharias em face da mutabilidade das técnicas. Mas sempre se salvam as intenções e as realizações dos grandes homens. Ouviremos assim palavras de homenagem a alguns que bem as merecem. E ouvi-las-emos diante de descendentes seus a quem a Universidade saúda.

#### Senhores Ministros

São hoje Vossas Excelências as personalidades a quem se dirigem, ansiosos e esperançados os técnicos superiores que vamos ouvir: o representante mais qualificado dos Serviços Florestais e um dos professores que têm a grande responsabilidade de ensinar os futuros engenheiros silvicultores.

É necessário que cada um destes jovens saia desta Casa com a capacidade de projectar planos de acção futura.

Hoje não há ninguém que creia ser possível sem decisões programadas reflorestar Portugal: o Sol e o solo, o vento e a água, os insectos e as aves e outros agentes naturais, mesmo postos à ufa, não o poderão fazer. A obra não pode ser abandonada ao acaso.

Os engenheiros silvicultores de que dispomos e os candidatos que agora se vislumbram no caminho que se dirige para este Instituto são em número tão reduzido que não existe esperança nenhuma de podermos enquadrar as suas resoluções numa distribuição de acontecimentos aleatórios.

Só a qualidade do ensino e os meios materiais postos à disposição desses técnicos superiores permitiriam que encarássemos com confiança o futuro das nossas florestas.

Agradeço, Senhores Ministros, a honra da vossa presença e peço-vos que aceitem as homenagens da Universidade.



*Durante a sessão solene*